

Os textos reunidos nesta coletânea, nascida do *Curso Livre Marx-Engels* organizado pela Boitempo, são todos excepcionais na sua abordagem erudita e fecunda da obra de Friedrich Engels. Resgatam-no não apenas como um pensador e homem de ação independente (ao contrário da lenda que tendeu longamente a apresentá-lo como um complemento “inferior” de Karl Marx e, principalmente, como um vulgarizador de sua obra), mas, sobretudo, provam, de modo contundente, que essa autonomia não é só um fato histórico como também uma componente orgânica daquilo que Engels chamava de “nova teoria” e que chegou até nós, por razões óbvias de delimitação teórica e política, sob o nome de “marxismo”.

Diversos autores, como Perry Anderson, já apontaram que, em vários campos do conhecimento (como a historiografia), os juízos de Engels eram mais certos que os de Marx. Outros chamaram a atenção para a superior abrangência de sua obra, compreendendo campos como o da “ciência pura”, ou o que hoje chamamos de antropologia, da qual Engels foi um precursor, como discute um dos textos ora reunidos. Isso levanta a questão decisiva: toda revolução teórica tem um centro (Darwin no evolucionismo biológico, Einstein na relatividade física, Marx, enfim, na teoria histórico/social dialética), mas surge indefectivelmente da interação não só com gigantes teóricos pretéritos (já muito apontada em relação a Marx e Engels), mas também coetâneos.

Alguns autores enfatizaram, de modo mais ou menos fecundo, a condição dos dois alemães como membros da “geração de 1840”, a geração das revoluções de 1848, que estava muito longe de estar composta por dois gênios e um conjunto de nulidades teóricas ou filosóficas. As obras de Marx e Engels devem ser consideradas em sua autonomia tanto como em sua complementariedade crítica, em sua “unidade dialética” (sem falar, obviamente, em sua solidariedade política). Não nos é permitido ler Marx com atenção, e Engels, por assim dizer, “distraidamente”.

Isso não é só uma correta aproximação histórica, mas também hodiernamente metodológica. A teoria, qualquer teoria, só pode progredir caminhando nas trilhas abertas pelos colossos do passado com uma atitude e “espírito” independentes, de *omnibus dubitandum*. O mergulho profundo na obra de Engels é o melhor instrumento para estender esse princípio ao próprio marxismo. O conjunto dos textos desta coletânea, redigidos desde ângulos múltiplos, são, junto com as eruditas biografias de Engels de que já dispomos, o melhor instrumento para iniciar esse mergulho e nos mantermos na superfície, nadando contra a corrente.

OSVALDO COGGIOLA

CURSO LIVRE ENGELS

**ALYSSON LEANDRO MASCARO
JOSÉ PAULO NETTO
MARÍLIA MOSCHKOVICH
RICARDO ANTUNES
VIRGÍNIA FONTES**

CURSO LIVRE ENGELS

VIDA E OBRA



© Boitempo, 2021

Direção-geral Ivana Jinkings
Organização Kim Doria
Edição Pedro Davoglio
Coordenação de produção Livia Campos
Assistência editorial Carolina Mercês
Preparação Mariana Echalar
Revisão Sílvia Balderama Nara
Diagramação Antonio Kehl
Capa Maikon Nery

Equipe de apoio Camila Nakazone, Débora Rodrigues, Elaine Ramos, Frederico Indiani, Higor Alves, Isabella Meucci, Ivam Oliveira, Lígia Colares, Luciana Capelli, Marcos Duarte, Marina Valeriano, Marissol Robles, Marlene Baptista, Maurício Barbosa, Raí Alves, Tulio Candiotto, Uva Costruiba

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C986

Curso livre Engels : vida e obra / Alysson Leandro Mascaro ... [et al.]. -
1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2021.

ISBN 978-65-5717-090-8

1. Engels, Friedrich, 1820-1895. 2. Filósofos - Biografia - Alemanha.
3. Marxismo. 4. Socialismo - História. I. Mascaro, Alysson Leandro.

21-72930

CDD: 921.3

CDU: 929:1(430)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

É vedada a reprodução de qualquer
parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: novembro de 2021

BOITEMPO
Jinkings Editores Associados Ltda.
Rua Pereira Leite, 373
05442-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3875-7250 / 3875-7285
editor@boitempoeditorial.com.br
boitempoeditorial.com.br | blogdaboitempo.com.br
facebook.com/boitempo | twitter.com/editoraboitempo
youtube.com/tvboitempo | instagram.com/boitempo

Sumário

Nota da edição	7
Introdução - Friedrich Engels, traços biográficos e atualidade <i>José Paulo Netto</i>	9
A criação do marxismo: polêmicas sobre Marx e Engels <i>Virginia Fontes</i>	43
Engels e a descoberta do proletariado <i>Ricardo Antunes</i>	75
Estado e direito em Marx e Engels: uma introdução <i>Alysson Leandro Mascaro</i>	99
A crítica à família e os estudos antropológicos de Engels ... <i>Maria Alisichovich</i>	113

- _____; _____. *Obras escolhidas em três volumes*. Rio de Janeiro, Vitória, 196. v. 3.
- MUSTO, Marcello (org.). *Trabalhadores, uni-vos!* Antologia política da I Internacional, São Paulo, Boitempo, 2014.
- NETTO, José Paulo. *Karl Marx: uma biografia*. São Paulo, Boitempo, 2020.
- ROCHA, Ronald. *O movimento socialista no limiar dos impérios financeiros*. Belo Horizonte, O Lutador, 2006.

A criação do marxismo: polêmicas sobre Marx e Engels

Virgínia Fontes*

Introdução

Abordaremos neste artigo – sem nenhuma pretensão exaustiva – alguns dos temas que suscitaram, suscitam e provavelmente continuarão a suscitar enormes controvérsias entre marxistas.

O primeiro fio condutor é um ponto de partida óbvio: Marx e Engels são autores, intelectuais, militantes sociais e políticos de estatura invulgar. Trabalharam juntos e em sintonia por quatro décadas, mas isso não diluiu suas personalidades numa entidade abstrata. Tão importante quanto estabelecer o

* Virgínia Fontes é professora da Pós-Graduação em História da UFF. Integra o Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o marxismo (Niep-Marx). Coordena o Grupo de Trabalho e Orientação (GTO). Docente da Escola Nacional Florestan Fernandes-MST. Coordenadora do GT História e Marxismo-Anpuh. Autora de *Reflexões Im-pertinentes* (2005), de *O Brasil e o capital-imperialismo: teoria e história* (2010), coautora de *Hegemonia burguesa na educação pública* (EPSJV, 2018) e de inúmeros artigos em periódicos nacionais e internacionais. (N. E.)

que é a contribuição específica de cada um, é compreender que o conjunto da obra *de cada um foi profundamente marcado pelo trabalho do outro*, sem falar que é difícil dimensionar o que foi atributo de cada um na expressiva parcela de trabalhos efetivamente realizados de maneira conjunta. Não se deve esquecer que, para além dos textos que produziram (livros e artigos publicados, manuscritos, cartas), foram muitas as conversas presenciais que tiveram ao longo desse tempo de amizade, luta e escrita.

O segundo fio condutor é o precioso alerta de Rosa Luxemburgo¹, que nos insta a ver a produção de Marx e Engels como histórica, longe de verdades acabadas e válidas para sempre, e sim como fonte inesgotável de exigências para prosseguir o trabalho intelectual de desvelamento das relações sociais e a luta política contra o capital e o capitalismo. Os desdobramentos deste artigo mostram como criações e recriações do marxismo são um procedimento corriqueiro, que dessacraliza a obra de Marx e Engels, ao mesmo tempo que evidencia crescentemente sua importância. Ambos, Marx e Engels, são cada dia mais imprescindíveis para o enfrentamento do capital.

O marxismo não é um conhecimento absoluto, mas um processo prático e teórico em ato, o que o liga permanentemente às diferentes conjunturas – esse é nosso terceiro fio. As respostas já elaboradas e seus percursos (método) são fundamentais, são pontos de partida de rigor inigualáveis, e eles apontam para a nossa profunda historicidade. A evidência das arestas e dos pontos de tensão entre as diversas escolas e tendências marxistas não remete apenas a idiosincrasias (embora elas também ocorram), mas aos novos problemas constituídos ao longo da história. A historicidade efetiva se conjuga nas conjunturas, e é nelas que os raros grandes pensadores precisam sua maior fidelidade aos mestres, tentando responder aos desafios de seu próprio tempo: em parte meros desdobramentos do já conhecido, em parte recuos dramáticos, em parte resultados inesperados da repetição das práticas do capital, que, ao desdobrar-se em escala ampliada, traz novos problemas e novas contradições. As conjunturas são momentos de atualização histórica e evidência dos desdobramentos das dinâmicas progressas. A história não se reescreve integralmente em função das conjunturas, mas é nelas que novas questões se evidenciam e desdobramentos imprevistos vêm à luz, solicitando não a aplicação mecânica de uma teoria, mas convocando-a a pensar e agir sobre tais elementos.

¹ Rosa Luxemburgo, “O segundo e o terceiro volumes d’*O capital*”, *Crítica Marxista*, n. 29, 2009, p. 135-43. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo2015_06_04_10_09_5792.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

É também nas conjunturas, nos curtos lapsos de tempo, que se ressignificam, se requeentam e até mesmo se falsificam argumentos já muito esgotados, os quais encontram novo fôlego, com o velho fantasiando-se de novidade.

Como muitas vezes lembrou Mario Duayer, grande intelectual e amigo falecido em janeiro de 2021, vítima da pandemia do coronavírus e da política genocida do governo Bolsonaro, o marxismo é como uma plataforma de pensamentos. Escalá-la é tarefa árdua, longa e necessária. Mas não suficiente. Uma vez chegado ao topo, é preciso lançar-se para agarrar o mundo concreto, atual. E esse lançamento é a vida constante, atribulada, conflitiva, genial – e por vezes derrotada – dos marxismos.

Não espere, portanto, o leitor um resultado final para os embates apresentados. Cada um deles envolveria longas pesquisas. O objetivo aqui é homenagear Engels no ano em que comemoramos os duzentos anos de seu nascimento, trazendo algumas das arestas que nos convocam ao trabalho, à pesquisa e à luta.

O processo criador do marxismo

O texto mais conhecido e mais divulgado sobre o tema é o panfleto clássico de Lênin *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo*, redigido em 1913 para o aniversário de trinta anos da morte de Karl Marx. É uma intervenção curtíssima, na qual Lênin apresenta como fundamentos a filosofia alemã, a economia política inglesa e o socialismo francês. Embora mencione o socialismo francês (ele foi um grande estudioso da Comuna de Paris), Lênin não o desenvolve, mas traça algumas linhas sobre a precoce emergência de socialismos utópicos, visando ressaltar a centralidade das *lutas de classes* na obra de Marx².

Apesar de brilhante, esse pequeníssimo texto de combate não alcança toda a complexidade envolvida na elaboração realizada por Marx e Engels. Se é certo que nossos autores devem enormemente a essas três fontes, a obra marxista original – considerada aqui o conjunto dos escritos de Marx e Engels – não se limita a retomar ou desenvolver tais tradições anteriores. Ela envolve elementos complexos de efetiva construção, produção, criação singular de cada um dos autores da dupla e da enorme potência criativa que resultou da reunião de dois grandes pensadores, pesquisadores e militantes. Sem falar do constante apreender em processo, pelo acompanhamento, pelo estudo, pela pesquisa do

² Vladimir I. Lênin, *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo* (trad. Armandina Venâncio, São Paulo, Global, 1978), p. 38.

movimento histórico (econômico, político, cultural, social, geográfico etc.) das mais diferentes ciências então em constituição, bem como da expansão e das contradições da própria relação social de capital, processos permanentemente reintegrados à reflexão teórica.

A obra conjunta de nossos autores é um produto histórico possibilitado pelo amadurecimento de inúmeras contribuições e contradições da época, mas não nasce apenas delas, que são meramente condições de possibilidade. Essa obra monumental deriva da *atividade sensível*, do trabalho efetivo e de longa e árdua confecção de nossos autores, garantido e estimulado por sua intensa participação nas lutas dos trabalhadores. Eles produziram algo muito mais profundo e denso do que a reunião ou a síntese dos melhores resultados anteriores, ainda que tenham absorvido o melhor dessas tradições, sempre após detalhado exame crítico, o que envolveu todo o tempo intensos debates e disputas com outros autores e militantes.

Marx e Engels viveram no período em que as chamadas *disciplinas* científicas estavam se constituindo – e eles sabiam disso. Subverteram os próprios princípios de tal constituição. A subversão de Marx e Engels no âmbito científico nada tem a ver, porém, com muitos nostálgicos do próprio século XIX, que defenderam um retorno àquela apregoada como a “ciência pura” da filosofia e das abstrações idealizadas. Ao contrário, eles realizaram um mergulho radical na produção intelectual e, sobretudo, nas condições sócio-históricas concretas que abriam possibilidades – e exigências – para a criação e elaboração de qualquer ciência.

A crítica da economia política a que se dedicaram atinge não apenas os fundamentos da disciplina então nascente, mas devassa o conjunto da vida histórica e social, o que permitiu explicar até mesmo a emergência daquele conhecimento. Marx e Engels admitem a importância – e a inteligência – daquele nascimento e reconhecem a contribuição de Adam Smith e David Ricardo, por exemplo. Desmascararam, entretanto, seus limites e mostraram como o difícil nascimento de categorias importantes para compreender o mundo social rapidamente se converteria em apologia da manutenção do capitalismo. A “economia política” tornou-se uma disciplina que passou a se apresentar como *a grande ciência*, e impôs-se como modelo para diversas outras disciplinas humanas e sociais. Em luminoso estudo, Josep Fontana mostra como a escola escocesa, matriz da economia política, foi a elaboradora de uma visão histórica economicista, desqualificadora da política e das tensões sociais, marcada pela suposição de uma ascensão produtiva linear e, sobretudo, tingida pela certeza de que a história da humanidade deveria

rumar para o capitalismo. A reflexão histórica que embasavam não era apenas um projeto social, mas uma defesa do capital³.

A economia política e suas derivações engendraram um conhecimento espartilhado, divulgado por epígonos do capital, não apenas por oportunismos, embora estes também pululassem, mas por constituir-se em um efetivo “projeto” político embutido numa leitura peculiar das relações econômicas. Sua expansão corresponde a uma crescente matematização, radicada em abstrações genéricas, e parece querer amputar-se da totalidade da vida social, ignorando suas contradições.

A crítica da economia política marxista enfrentou o desvendamento das relações sociais efetivas que sustentam o capital, com a exigência constante de incorporar o processo histórico que permitiu não só a emergência do capitalismo, mas que se desdobrava sob ele, história enjaulada na repetição dramaticamente ampliada da reprodução do capital. Não se tratava de “corrigir” a economia política, mas, partindo das condições reais dessas relações sociais, transformar o mundo a partir dos próprios seres sociais que produziam (e produzem) o conjunto da existência.

Marx e Engels se dedicaram conjuntamente a uma exigência formidável, a Crítica da Economia Política ou, mais precisamente, a compreensão e a crítica da sociedade dominada pelo capital e do conhecimento que a nutre e perpetua. Ambos estudaram as contradições – econômicas, sociais, políticas, históricas, científicas – que permeiam a vida concreta. Ambos estavam voltados não apenas para afazeres intelectuais, mas para a construção de formas de luta capazes de superá-las. Nesse trabalho titânico, cumpriram tarefas diversas, mas sempre em conjunto. A exigência que se colocaram segue atualíssima. Penetrar no núcleo dos processos determinantes na e da sociedade capitalista, em sua expansão alucinada, não apenas para listá-los, mas para apresentá-los como síntese de contradições diversas, como resultado histórico de lutas complexas, como formas capazes de apreender as relações *sociais concretas*, envolvendo atividade humana objetiva e subjetiva na e pela relação sociometabólica com a natureza. Estas continuam sendo as condições mínimas para a produção do conhecimento e da transformação revolucionária.

Nossos autores mostraram que a materialidade fundamental não se limita a reconhecer a existência das coisas, mas precisa pensá-las de maneira integrada com as relações sociais e históricas com a natureza, na organização

³ Josep Fontana, *Historia: análisis del pasado y proyecto social* (Barcelona, Crítica, 1982), p. 78-97.

da própria existência, que envolve sempre prioritariamente a produção e a reprodução da vida social. Que a maior abstração não é a que corusca feito pedra preciosa, mas a que agarra a concretude da existência. Indicaram a permanente necessidade de superar um conhecimento materialista que se limita a reduzir tudo a “coisas”, coisificando os seres sociais; e também de superar a suposição egocêntrica de que o formidável ato de pensar e sentir move o mundo, deixando de lado o próprio mundo.

Como foi possível nascerem disciplinas que recortam e isolam os seres sociais como coisas, uma ciência “econômica” dedicada unicamente a assegurar que a produção de mercadorias gere sempre mais lucros privados, é o que precisa ser explicado. Marx e Engels exigem da ciência que ela vá muito além de apreender ou elaborar algo como “lei natural” definitiva. Até mesmo para a natureza, como demonstrou o interesse de ambos por Darwin. Ciências precisam responder à exigência de apreender processos complexos de transformação (sejam econômicos, históricos, biológicos, químico-físicos, geológicos etc.), mas também precisam perscrutar a razão de sua própria constituição, seu papel e lugar social enquanto produtoras de conhecimento integrantes de uma sociedade dada, e cuja atividade não se esgota no ato de conhecer. Precisam incorporar os processos sociais subjacentes, propiciadores e derivados das práticas sociais. Um dos autores fundamentais para essa questão é indubitavelmente György Lukács, que analisou exaustivamente essa *ontologia* do ser social como nervo axial do marxismo⁴.

Em outros termos, a ciência é sempre engajada, e Marx e Engels o demonstram de maneira direta. Se nem todos os que produzem ciência sabem em que sua ciência e atividade estão engajadas, esse não foi o caso de Marx e Engels. A produção do conhecimento que elaboravam desvelava as formas conflituosas da produção social, dominadas por classes dominantes cujas práticas e conhecimento buscavam *naturalizar* o que era propriamente humano e social, e fechar as portas das transformações históricas das quais tais classes dominantes emergiram.

O conhecimento elaborado por Marx e Engels volta-se para a emancipação, para a superação do jugo do capital. Tal superação não seria obra apenas de filósofos, mas daqueles que maciçamente produzem e reproduzem as condições de existência humana, no sociometabolismo com a natureza.

Marx e Engels não apenas se afastam, mas criticam acidamente uma ciência e uma filosofia que se limitavam a conhecer o mundo tal como ele é ou se

apresenta. Mas sabiam que o mundo é e se apresenta, e no mesmo movimento seria necessário agarrar a aparência e a essência (as relações ou determinações sociais efetivas) e identificar suas contradições internas, suas possibilidades de transformação. Também criticaram duramente aqueles para quem o mundo deveria ser alçado à formidável capacidade de inteligência e ideação abstrata, quer fossem idealistas, quer professassem um sofisticado materialismo idealizado. Jamais desprezaram a ideação e a abstração, e tinham plena consciência de que os seres sociais pensam, são sujeitos, transformam o próprio mundo e são por ele transformados, em processos que incorporam e vão além das singularidades. Assim como o crescimento do mercado mundial, o processo histórico é o movimento das grandes massas humanas, dos embates e lutas de classes sociais, resultantes de longos e dolorosos movimentos.

Nossos dois autores consolidaram uma base teórica que exige explicar o mundo social e natural tal como ele evolve, como se modifica, e como os seres sociais o reproduzem e transformam, e se autotransformam nesse processo⁵. As categorias para apreender esse mundo histórico precisavam expressar e agarrar as contradições, identificar tendências e contratendências, engajar-se no mundo que procuravam apreender.

Nada mais distante de um conhecimento acabado, de uma ciência congelada ou enrijecida, válida para todo o sempre⁶. O marxismo é a crítica de uma sociedade e de “ciências” que naturalizam uma forma histórica brutal e expansiva, que precisa e pode ser superada e, com ela, novos elementos de conhecimento precisarão vir à tona.

Sua validade para os dias atuais não decorre da mera “aplicação” de categorias, embora necessite delas com precisão e seriedade. Pressupõe também a mediação da análise crítica em cada momento – conjunturas – das condições de produção e de reprodução da vida social, da compreensão do teor e do alcance das lutas no próprio evoluir do capitalismo. No contexto atual de uma centralização e concentração grotescas de capitais e de devastação de seres

⁵ David Riazanov, *Marx et Engels* (Paris, Les Bons Caractères, 2004), p. 63.

⁶ Lênin e Gramsci lutaram arduamente contra formas mecanicistas, fatalistas e economicistas que penetravam no marxismo. Não se trata de recuperar uma pureza original – ainda que o recurso à obra de Marx e Engels seja fundamental –, mas de manter a relação entre a teoria e os processos efetivos das lutas de classes. A exigência dessa teoria envolve enfrentar os *desdobramentos* das contradições, uma vez que o processo que ela procura agarrar é histórico, movente por razões imanentes, sendo os sujeitos sociais *agentes* e não meramente espectadores ou pacientes.

⁴ György Lukács, *Para uma ontologia do ser social* (trad. Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélio Schneider, São Paulo, Boitempo, 2012-2013), 2 v.

sociais e do ambiente, essa teoria é o ponto de partida fundamental. Mas não esgota o ponto de chegada.

Em outros termos, o marxismo criado por nossos autores é tudo, menos uma ciência calma, a desenvolver-se em sua torre de marfim. É e precisa ser um conhecimento agitado e agitador, subversivo. E polêmico.

Os termos e seus usos

Os termos “marxista” e “marxismo” tiveram, segundo redigiu Georges Labica para o *Dictionnaire critique du marxisme*, “sua extensão consideravelmente aumentada desde a época do velho Engels, pois estendem-se a todos os que, a um ou outro título, se apoiam não apenas nas teses e conceitos dos fundadores, mas sobre o conjunto (até aqui ainda mal estabelecido) da tradição marxista” ou, acrescento eu, das diferentes tradições marxistas. Já o termo “marxiano” é de configuração mais recente, e qualifica a contribuição específica de Marx⁷, sendo usado de maneira similar para outros autores, como engelsiano, leniniano, gramsciano etc.

Ao longo da vida de Marx, designações como marxida, marxiano, marxista foram várias vezes empregadas nas lutas políticas, em sua grande maioria de maneira pejorativa e contra Marx. O próprio Marx não endossava essa nomeação, talvez por razões propriamente teóricas – não se tratava de uma teoria “pessoal” – ou por considerar que muitos dos assim chamados “marxistas” caricaturavam suas teses e se constituíam em seitas. Marx jamais admitiu o termo “marxismo” e chegou mesmo a dizer que “a única coisa que posso dizer é que eu não sou marxista!” Essa frase foi anotada por Engels e se referia à autodesignação de “marxistas” que em 1879 e 1880 se espalhava entre intelectuais franceses e alemães⁸.

No final da vida de Marx, quando se intensificou a constituição de partidos proletários, o termo marxista começava a ser utilizado positivamente por alguns grupos, com os quais não necessariamente o próprio Marx estava de acordo. Em 30 de setembro de 1882, por ocasião de uma viagem à França, escreveu a Engels: “Os ‘marxistas’ e os ‘antimarxistas’, essas *deux espèces*, fizeram todo o possível para estragar minha estada na França”⁹.

⁷ Gerard Bensussan e Georges Labica, *Dictionnaire critique du marxisme* (3. ed., Paris, PUF, 1999), p. 715.

⁸ Maximilien Rubel, *Marx, critique du marxisme* (2. ed., Paris, Payot, 2000), p. 50.

⁹ Citado em *ibidem*, p. 51.

Quem trouxe legitimidade à expressão “marxismo”, avalizando-a, foi Engels. E isso apesar de ser a fonte principal de informações que temos sobre as diversas recusas de Marx para tal designação, o que Engels anotou e comentou repetidas vezes.

Foi no fim do século XIX, no contexto do enorme embate entre diferentes tendências socialistas, e também anarquistas, quando os partidos operários experimentavam enorme crescimento, que Engels admitiu denominar o *corpus* teórico elaborado por ele e Marx como marxismo, atribuindo a Marx o papel fundamental. A generalização do termo marxismo ocorre, portanto, no terreno da luta política, endossado por um de seus elaboradores. No livro *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, publicado em 1886, três anos após a morte de Marx, Engels fez uma nota explicativa na qual apoiava de maneira explícita o uso generalizado do termo marxismo:

Permitam-me aqui uma explicação pessoal. Recentemente, em diversos momentos, fizeram alusão à parte que me coube na elaboração dessa teoria, e por essa razão dificilmente poderia dispensar-me de dizer algumas palavras que ajustem esse ponto. Não posso negar que eu próprio tive, antes e durante minha colaboração de quarenta anos com Marx, uma certa parcela tanto na elaboração quanto sobretudo no desenvolvimento da teoria. Mas a maior parte das ideias diretrizes fundamentais, particularmente no domínio econômico e histórico, e especialmente sua formulação definitiva, rigorosa, são de Marx. O que eu trouxe – com exceção de alguns ramos especiais – Marx teria podido realizar sem mim. Mas o que Marx fez eu não teria podido fazer. Marx nos superava a todos, via mais longe, mais amplo e mais rapidamente que todos nós. Marx era um gênio, nós somos, no máximo, talentosos. É a justo título que ela [a teoria] tenha seu nome.¹⁰

Essa designação tornou-se corriqueira. Foi endossada por um de seus elaboradores, abrange o conjunto teórico elaborado por Marx e Engels, com o aval deste último. Tensiona permanentemente a parte que cabe a cada um na concepção e na execução do conjunto da teoria. Sua limitação é ser singularizada, uma vez que a teoria – e as inúmeras práticas que exige e inspira – transbordaram para inúmeros outros autores, pesquisadores, militantes, partidos e movimentos sociais que a ela se filiam. Como se pode imaginar, essa definição suscitou polêmicas. E provavelmente continuará suscitando.

¹⁰ Karl Marx e Friedrich Engels, *Oeuvres choisies* (Moscou, Progrès, 1970), p. 382 [ed. bras.: *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, trad. Vinicius Mateucci de Andrade Lopes, São Paulo, Hedra, 2020].

O termo “marxismo” identifica na atualidade uma gama de tradições intelectuais, políticas, revolucionárias, partidárias etc., que, por sua vez, incorpora inúmeras tendências. O próprio processo histórico conforta a opção de utilizar o termo no plural: marxismos, uma vez que não apenas há intensas querelas entre diferentes tendências, como também inúmeras contribuições originais ao conjunto dessa teoria – e é fácil citar Lênin, Trótski, Rosa Luxemburgo, Gramsci, Lukács, Mariátegui, apenas como exemplos. Todos esses autores e militantes, sem exceção, partem da obra de Marx e Engels, mas não se limitam a ela: realizaram desdobramentos e aportaram novas questões a uma teoria viva, crítica e revolucionária da vida social sob o capitalismo. Em todos encontraremos fortes críticas àqueles que se limitam a “enrijecer” a teoria social revolucionária, mesmo que se apresentassem como... “marxistas”. O mais conhecido trabalho de Rosa Luxemburgo expressa discordâncias importantes com o próprio Marx e gerou intenso debate por parte de epígonos que nem sequer haviam lido *O capital*¹¹.

Antonio Gramsci dedicou-se muito seriamente a criticar as formas crispadas e endurecidas que nublavam o marxismo na década de 1930, tendo combatido no Caderno 11 de seus escritos carcerários, dedicado ao tema da filosofia, manuais que então começavam a ser publicados na União Soviética. Nesse mesmo caderno, insiste na necessária abertura para o futuro da *filosofia da práxis*, ou considerar sua própria finitude:

Todavia, se também a filosofia da práxis é uma expressão das contradições históricas – aliás, é sua expressão mais completa porque consciente –, isto significa que ela está também ligada à “necessidade” e não à “liberdade”, a qual não existe e ainda não pode existir historicamente. Assim, se se demonstra que as contradições desaparecerão, demonstra-se implicitamente que também desaparecerá, isto é, será superada, a filosofia da práxis.¹²

Engels criador do marxismo?

Já vimos que tanto Marx quanto Engels não pretendiam dar nomes pessoais a essa elaboração. A análise histórica e dialética, a crítica da “economia política”,

¹¹ Rosa Luxemburgo, *A acumulação do capital* (trad. Marijane Vieira Lisboa e Otto Erich Walter Maas, São Paulo, Nova Cultural, 1985), p. 325-416.

¹² Antonio Gramsci, *Cadernos do cárcere* (trad. Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001), v. 1, p. 204-5.

a elaboração dos fundamentos e os desdobramentos categoriais do capital, o papel das lutas de classes, a evidenciação das contradições sociais vão além de personalismos e individualismos. Ambos rejeitavam toda e qualquer cristalização ou congelamento de uma teoria-práxis que apontava apenas a historicidade do ser social.

Um dos debates é exatamente sobre a *criação* ou *fundação* do marxismo. Maximilien Rubel foi um dos mais conhecidos críticos do termo marxismo. Em livro sugestivamente intitulado *Marx, critique du marxisme* (Marx, crítico do marxismo), publicado originalmente em 1974, Rubel recolheu diversos artigos. O livro é inteiramente dedicado a polêmicas e apresenta uma longa sequência de debates. Abordaremos aqui dois artigos, o primeiro deles intitulado “La Légende de Marx ou Engels fondateur” (“A lenda de Marx ou Engels fundador”), de 1970¹³. O segundo artigo é anterior, e a rigor fundamenta o primeiro, “La Charte de la Première Internationale” (“Mensagem inaugural da Primeira Internacional”), cujo subtítulo é “Essai sur le ‘marxisme’ dans l’Association Internationale des Travailleurs” (“Ensaio sobre o ‘marxismo’ na Associação Internacional dos Trabalhadores”) e sua redação é de 1965¹⁴.

Rubel considera que a aceitação do termo “marxismo” por Engels, por razões políticas conjunturais, teria facilitado a construção de uma mitologia em torno de Marx, abrindo a porta para um culto à personalidade de Marx. Essa “criação do marxismo” engelsiana seria um equívoco: ela abriu espaço para uma limitação da teoria social, crítica, histórica e revolucionária elaborada por Marx e Engels e favoreceu a disseminação de um *marxismo oficial*, então em curso sob o stalinismo.

Maximilien Rubel foi um erudito estudioso da obra marxiana e do marxismo. Em maio de 1970, enviou uma comunicação a uma conferência por ocasião do 150º aniversário de nascimento de Engels, realizada em Wuppertal, cidade que desde 1929 engloba o distrito natal do homenageado (Barmen). Era um encontro comemorativo, mas de caráter científico, e contava com mais de cinquenta especialistas. Em forte confrontação com o stalinismo e o enrijecimento que este provocou na obra marxiana e engelsiana, Rubel criticou fortemente o uso do termo “marxismo”, mostrando que resultava de uma criação de Engels e insistindo que tal denominação teria sido sempre recusada por Marx. Não se trata de um acusatório geral contra Engels, pois Rubel – ainda que teça uma série de críticas a Engels – reconhece sua importância

¹³ Maximilien Rubel, *Marx, critique du marxisme* (Paris, Payot, 1974), p. 45-55.

¹⁴ *Ibidem*, p. 57-80.

na produção desse conhecimento revolucionário. Mas, para ele, Engels teria capitulado às exigências conjunturais ao adotar e reafirmar o termo “marxismo” – diferentemente de Marx.

O tema central dessa intervenção de Rubel, que se intitulou “Points de vue à propos du ‘Thème Engels Fondateur’” [“Pontos de vista acerca do ‘Tema Engels Fundador’”], reproduzida no primeiro artigo, visava desvencilhar a teoria de Marx e Engels de uma lenda fundacional, que derivaria em “mitologias aberrantes”. Seu texto não poupa Engels por essa opção:

encarregado de ser o guardião e o continuador de uma teoria para cuja elaboração ele confessava ter contribuído somente com uma parte modesta, e persuadido de reparar um erro glorificando um nome, Engels correu o risco de favorecer a gênese de uma superstição da qual não poderia medir as consequências nefastas.¹⁵

Ou ainda: “acreditando-se herdeiro, [Engels] foi na verdade fundador, mesmo que involuntariamente, e ficamos tentados a dizer que esse foi o castigo do destino [...] e no seu 150º aniversário, devemos reconhecer-lhe o mérito contestável e o título ainda mais duvidoso de “fundador do marxismo”¹⁶.

A intervenção de Rubel é curta e densa, e polemiza em muitas direções, além da crítica central, já assinalada, à oficialização de um marxismo cristalizado. Seu artigo abrange desde a dificuldade de distinguir a parte de Marx e a de Engels na teoria – que este último chamou de “marxismo” – até o risco de um “culto a Marx” – que ele teria evitado cuidadosamente a vida inteira. Rubel propõe descartar o próprio termo marxismo: “dada a impossibilidade de definir racionalmente o sentido do conceito de marxismo, parece lógico abandonar ao olvido o próprio termo”¹⁷.

Como já apontei acima, não se trata para Rubel de descartar Engels, mas de defender uma teoria aberta para o futuro, que precisaria avançar juntamente com o processo histórico, mantendo-se profundamente revolucionária. Assim, conclui desta forma seu texto de polêmica apresentado em Wuppertal: “Basta reconhecer em Engels o herdeiro legítimo do pensamento de Marx para denunciar em seu nome e em sua glória o marxismo instituído como uma escola de erros e confusão para a nossa idade de ferro”¹⁸.

¹⁵ Ibidem, p. 51.

¹⁶ Ibidem, p. 53.

¹⁷ Ibidem, p. 50.

¹⁸ Ibidem, p. 55.

Em nota à publicação dessa apresentação, Rubel acrescenta que seu trabalho foi avaliado como se fosse contra Engels. Porém, longe disso, afirma: “meu texto tinha como alvo, pela *crítica de um gesto, historicamente negativo*, do mais estreito e do mais ativo colaborador de Marx, uma certa escola marxista cuja própria existência constitui a negação de tudo o que Marx e Engels fizeram para o pensamento socialista e o movimento operário”¹⁹.

No outro artigo do mesmo livro, escrito em 1965, portanto antes da polêmica apresentação, Rubel já tratava do tema da criação, ou fundação, do marxismo e colocava-se as seguintes questões: “Marx fez escola no curso de sua carreira de homem de ciência e de homem de partido? Essa escola, supondo que tenha existido, foi conhecida como ‘marxista’? O que pensava disso o próprio Marx? Questão subsidiária: o que pensava Engels?”²⁰. Para responder, analisa os usos do termo marxismo na criação e atuação da Internacional, em geral pejorativos, e destaca o papel discreto que Marx assumiu na mesma Internacional, o que, segundo ele, não justificaria a suposição – e acusação – de que Marx tenha imposto em algum momento sua própria interpretação aos demais. Apresenta e esmiúça o dia a dia da elaboração da mensagem inaugural, constatando certa distância de Marx em seus primeiros momentos – por razões de saúde –, até ser interpelado de maneira muito insistente por seus camaradas, especialmente por meio de uma carta de Eccarius, na qual este o incita a uma participação mais ativa, contribuindo com sua “concisão profunda” para a elaboração do texto final²¹. Marx contribuiu sobretudo suprimindo termos genéricos e abstratos, ou a fraseologia fora de contexto que marcava muitas das intervenções (que tendiam a repetir grandes termos, como direitos, deveres, verdade, justiça, moral, e com escasso conteúdo crítico), respeitando, entretanto, as questões do coletivo. Segundo Rubel, a contribuição mais significativa de Marx foi a inclusão da reivindicação da conquista do poder político²². Da análise de Rubel depreende-se que Marx, “firmemente resolvido a permanecer nos ‘bastidores’ [da Internacional], teve tanto mais dificuldade para conservar o anonimato quanto era praticamente o autor de todas as proclamações (relatórios, resoluções, notas, manifestos) decididas frequentemente por iniciativa do Conselho Geral”²³.

¹⁹ Ibidem, p. 47.

²⁰ Ibidem, p. 57-8.

²¹ Ibidem, p. 63.

²² Ibidem, p. 66.

²³ Ibidem, p. 58.

A preocupação de Rubel é evitar anacronismos, uma vez que muitos projetam sobre Marx um tipo de atuação carismática, bem como criticar versões da própria época que o tachavam de autoritário, o que, segundo ele, não corresponde ao cuidado de Marx para recolher cuidadosamente as questões coletivas e elaborar os temas debatidos, evitando assumir o papel central e aceitando de forma eficiente, mas discretíssima, as tarefas de revisão e redação que lhe eram incumbidas. “Apenas a necessidade de mitologia – ou de mistificação – pode ver nessa mensagem inaugural o fruto do ‘marxismo’ ou, dito de outra maneira, de uma doutrina pronta e imposta de fora por um cérebro onisciente a uma massa amorfa e inerte de homens à procura de uma panaceia social”²⁴.

Voltando ao evento de Wuppertal, Rubel conta que, lá chegando, se deparou com uma situação constrangedora: os participantes da União Soviética e da Alemanha Oriental sentiram-se ofendidos com o texto e ameaçavam sair da conferência, caso fosse apresentado. Como solução conciliatória, propôs-se que os textos não fossem expostos oralmente, mas apenas comentados e debatidos. Ainda segundo Rubel, os debates e o comportamento de alguns foram de baixíssimo nível e a transcrição final omitiu muito de seu texto e do debate.

A tese fundacional apresentada por Rubel é corroborada pelas próprias palavras de Engels. Coube a Engels a aceitação do termo “marxismo” para o conjunto da elaboração dos dois amigos. Não obstante, vale lembrar que Rubel, de certa forma, reproduz o comportamento que critica em Engels: definir pela justeza ou não do uso do termo “marxismo” em função de circunstâncias políticas (e intelectuais) muito posteriores ao momento de sua formulação.

Enquanto Engels aceitou o termo em um contexto de luta política dos trabalhadores e de ascensão do marxismo, Rubel rebelou-se contra o uso do termo em um período em que a difusão dos manuais soviéticos e dos critérios que vigiam na publicação da *Marx-Engels-Werke* (MEW) dogmatizavam a teoria revolucionária. Foi sobretudo na luta contra o encolhimento e a estagnação que o stalinismo impunha sobre uma teoria fundamental para a compreensão da vida social sob o capitalismo que Rubel elaborou seu argumento.

Interessa-nos aqui destacar a importância dessa polêmica para o contexto dos marxismos, e não apenas tomar posição a favor ou contra Rubel. Afinal, ambos, Engels e Rubel, tomam partido sobre a designação marxismo em função de conjunturas de lutas políticas altamente relevantes. Aqueles que compartilham uma teoria crítica precisam posicionar-se em função de conjunturas

²⁴ Ibidem, p. 79.

e, além disso, precisam estar permanentemente submetidos à mesma crítica que exercem.

Engels e Marx: juntos e/ou separados?

Não há nenhuma dúvida sobre a atuação fundamental de Engels e sua contribuição constante, desde os 22 anos de idade e mesmo depois da morte de Marx, para a teoria social, crítica, histórica, dialética e militante revolucionária que ambos elaboraram. Tampouco é desconhecido ou minimizado por todos os autores citados neste artigo o enorme trabalho engelsiano para, após a morte de Marx e até a sua própria morte, rever, organizar e publicar as obras do amigo, mesmo deixando incompletos vários de seus próprios estudos. A elaboração do que conhecemos como o marxismo resulta de um enorme trabalho conjunto, além de vastíssima produção própria de Engels, a qual exerceu influência *decisiva* na produção de Marx²⁵.

A importância de Engels, reconhecida por Marx, está na base da obra máxima marxiana, *O capital*. Foi de Engels o primeiro impulso para a realização da *Crítica à economia política*. Ele escreveu, em 1843, após seu primeiro período na Inglaterra, em Manchester, os “Esboços para uma crítica da economia política”²⁶, publicado em 1844. Trata-se de uma formidável intuição, imediatamente convertida pelos dois amigos em uma enorme provocação ao conhecimento. Mostra ao mesmo tempo a correta percepção de Engels da direção a seguir, a partir de sua experiência direta, e a imensa exigência à qual Marx passou a vida respondendo:

A economia política surgiu como resultado natural da expansão do comércio [...] uma *ciência inteira do enriquecimento*. [...] O século XVIII, o século da revolução, também revolucionou a economia. Mas assim como todas as revoluções deste século foram unilaterais e atoladas em antíteses [...] da mesma forma a revolução econômica não conseguiu ir além da antítese. [...] a nova

²⁵ Ver Mireille Delbraccio e Georges Labica (orgs.), *Friedrich Engels, savant et révolutionnaire* (Paris, PUF, 1997). Vale ver toda a coletânea.

²⁶ Friedrich Engels, *Outlines of a Critique of Political Economy* (trad. ingl. Martin Milligan). Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/marx/works/1844/df-jahrbucher/outlines.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2020. [Ed. bras.: “Esboço para uma crítica da economia política” em *Esboço para uma crítica da economia política e outros textos de juventude* (trad. Nélio Schneider, São Paulo, Boitempo, 2021) p. 161-84.

economia foi apenas meio avanço. Foi obrigada a trair e a negar suas próprias premissas, a recorrer ao sofisma e à hipocrisia para encobrir as contradições em que se enredou, para chegar às conclusões a que foi conduzida não pelas suas premissas, mas pelo espírito humano do século.²⁷

O período de consolidação dessa teoria à qual denominamos marxismo foi de trabalho conjunto, pesquisando, refinando, estabelecendo e assentando pressupostos e categorias fundamentais, algumas já presentes nas obras e atuação prática anteriores de um e de outro, mas que viriam a transformá-los em comunistas e revolucionários, e não apenas em mais dois pensadores, por mais geniais que fossem. De 1844 a 1850, do início da estreita amizade que os ligaria durante toda a vida, o trabalho foi intensíssimo tanto na elaboração intelectual quanto na militância social e política. Além de experimentarem, ambos, intensa perseguição política.

O “Frederico dos Anjos”, como o chamou simpaticamente José Paulo Netto na abertura do evento²⁸, foi intelectual de primeira linha, militante importantíssimo, personagem fascinante e atraente, homem sensível e aberto às agruras – e aos prazeres – mundanos. Suas cartas à irmã revelam a paixão pela natureza, música, livros, pintura, viagens, esporte, vinho, cerveja e tabaco.

O encontro com Mary Burns, irlandesa e operária, e a vida em comum até a morte dela, mostram seu desprezo pelos preconceitos e decorrentes limitações e cerceamentos para a vida amorosa e para a própria individualidade. Engels foi ainda de extrema sensibilidade contra as opressões – como demonstrado magistralmente em *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra** e *A origem da família, da propriedade e do Estado***, por exemplo.

Finalmente a edição completa das obras de Marx e Engels – autores fundamentais, mas execrados pelas classes dominantes – está bastante avançada e permitirá identificar de maneira mais precisa as características e as contribuições específicas de cada um para a teoria. Parece-me que sempre haverá, entretanto, dificuldades em estabelecer com total precisão a separação entre o que era o pensamento de Marx e o de Engels, o que é a obra separada e isolada de um e de outro, pela estreita intimidade e confiança com que trabalharam.

²⁷ Idem. Grifos meus.

²⁸ Ver José Paulo Netto em: <<https://www.youtube.com/watch?v=joSyGnijlHg>>. Acesso em: 23 nov. 2020.

* Trad. B. A. Schumann, 2. reimpr., São Paulo, Boitempo, 2015. (N. E.)

** Trad. Nélio Schneider, São Paulo, Boitempo, 2019. (N. E.)

Sem dúvida, foi Marx o principal redator da dupla e o elaborador principal da obra máxima, *O capital*. No entanto, apenas o primeiro volume foi publicado durante a sua vida e devidamente revisado. A publicação dos demais volumes foi realizada por esforço e cuidados de Engels. O marxismo originário resulta da elaboração desses dois militantes e teóricos, e essa relação amistosa, política e intelectual que os uniu constitui o esteio concreto que permitiu essa enorme obra.

Lenha na fogueira: novas recriações

A lentíssima publicação das obras completas de Marx e Engels acrescentou ainda mais lenha na fogueira dos debates sobre recriações do marxismo. Como sabemos, a publicação detalhada de todos os manuscritos de Marx e Engels sofreu enormes percalços. A começar pela localização dos originais. Depois da morte de Marx, Engels conservou a documentação de seu amigo e parceiro. Quando faleceu, em 1895, sua própria obra foi confiada a August Bebel e Eduard Bernstein, curadores do Partido Social-Democrata Alemão (SPD). Posteriormente, tais papéis viajaram de Londres para a Alemanha, onde foram conservados nos arquivos do SPD. Quanto aos papéis de Marx, após a morte de Engels, eles passaram às filhas de Marx, inicialmente para Eleanor Aveling, falecida em 1898, e em seguida para Laura Lafargue. Com a morte desta última, a documentação de Marx também passou para os arquivos do SPD, em Berlim. David Riazanov havia conseguido fotocopiar tais papéis para a primeira edição da *Marx-Engels-Gesamtausgabe* (MEGA). Porém,

com a chegada de Hitler ao poder em 1933, as partes mais valiosas dos arquivos do SPD, inclusive os papéis de Marx e Engels, foram levadas para o exterior. Alguns anos mais tarde, esses papéis foram vendidos a uma companhia de seguros holandesa, que por sua vez os deu ao recém-criado Instituto Internacional de História Social (IISH), em Amsterdã, onde são mantidos desde então.²⁹

Riazanov, que desde a Revolução de 1917 dirigia o Instituto Marx-Engels, havia reunido milhares de livros, panfletos e documentos originais, assim como as fotocópias de originais de Marx e Engels. Ele ficou encarregado da preparação da edição das obras completas ainda em 1924. Reconhecido como pesquisador altamente preparado, Riazanov foi excluído do partido em 1930,

²⁹ Jürgen Rojahn, “Publishing Marx and Engels after 1989: The Fate of the MEGA”, *IISH*. Disponível em: <https://iish.amsterdam/files/2018-07/iish-research-project_mega-e98.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.

deposto do Instituto Marx-Engels em 1931 e executado em 1938 pelo stalinismo. Seu nome figura como editor apenas nos cinco primeiros volumes, mas até 1935 foram publicados onze volumes, embora com algumas modificações. Na sequência, o caráter da edição mudou, em consequência da demissão de mais da metade dos trabalhadores ligados a ele no Instituto Marx-Engels, muitos altamente especializados, e, em seguida, pela alteração do escopo da coleção, que deixou de ter como preocupação principal a recuperação da íntegra das obras de Marx e Engels e converteu-se em braço editorial do Centro de Formação Política, perdendo sua autonomia editorial e passando a depender do Partido Comunista da URSS. Finalmente, a ascensão do nazismo dispersou os pesquisadores que atuavam na Alemanha³⁰.

No total, 39 volumes foram publicados na então denominada *Marx-Engels-Werke* (MEW). A primeira edição seria em russo e conservaria características contraditórias. Apesar do excelente material que finalmente vinha a público, mantinha a perspectiva de:

servir de cânon formador do ideário socialista, e exatamente isso impediu uma apresentação adequada da obra. Pois, em primeiro lugar, por esse motivo foram selecionados e suprimidos textos. Isso explica a falta de todas as cartas dirigidas a Marx e a Engels, bem como a supressão de escritos políticos, tais como as "Revelations on the Diplomatic History in the 18th Century", de Marx; mas, acima de tudo, a supressão dos escritos filosóficos de juventude, como os *Manuscritos econômico-filosóficos*, inicialmente deixados de lado e só muitos anos depois publicados em um volume complementar, devido a protestos vindos inclusive do bloco oriental.

Em segundo lugar, entretanto, e isso é ainda mais difícil de pesar, as contaminações ideológicas e as interpretações politicamente motivadas na MEW levaram em geral a uma comenteção errônea, de modo a impedir que os textos de Marx e Engels fossem adequadamente situados no contexto histórico.³¹

O marxismo, teoria social revolucionária, sofreu recriações por grupos stalinistas que propunham uma nova definição, o "marxismo-leninismo-stalinismo",

³⁰ Hugo Eduardo da Gama Cerqueira, "David Riazanov e a edição das obras de Marx e Engels", *Revista Economia*, v. 11, n. 1, 2010, p. 199-215. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/revista/vol11/vol11n1p199_215.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.

³¹ Gerald Hubmann, "Da política à filologia: a *Marx-Engels-Gesamtausgabe*", *Critica Marxista*, n. 34, 2012, p. 38. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo27129Critica_Marxista_Texto_Completo_34.33-49.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021.

da qual resultaram interferências na própria obra dos autores revolucionários e incompletude do projeto de publicação de suas obras. Não obstante, pouco a pouco crescia o acesso a parcelas da obra que finalmente chegavam a público. Mesmo lentamente, isso abriu outras possibilidades, e inúmeros intelectuais e militantes puderam conhecer textos originais e estabelecer suas próprias comparações entre Marx e Engels.

Desde os anos 1960 havia negociações para a retomada da publicação da obra completa, e na década de 1970 iniciou-se o projeto soviético-alemão da MEGA, que chegou a publicar quarenta volumes. Ela foi interrompida em 1989, com a derrubada do Muro de Berlim e o fechamento dos institutos de marxismo-leninismo, ligados aos partidos comunistas em Berlim e Moscou, além da desmobilização de muitas equipes de pesquisa. Mas não de todas.

Marx e Engels: neutros?

A publicação da MEGA foi reiniciada na década de 1990, após intensos debates, que concluíram não ser necessário recomeçá-la do zero, uma vez que a edição anterior fora considerada com qualidade suficiente. Decidiu-se que ela seria continuada, ainda que sobre novas bases. Foi criada a Internationale Marx-Engels-Stiftung (IMES) (Fundação Internacional Marx-Engels), rede internacional ligada ao IIHS, em Amsterdã, que detinha dois terços da documentação original dos autores, enquanto o terço restante se encontrava em Moscou³². As novas equipes estabeleceram então duas condições: seria uma edição acadêmica, sem relação com qualquer partido político; e deveria ser criada numa estrutura internacional ampla, para conseguir abarcar o volume de temas e países analisados por Marx e Engels. O objetivo da IMES é exclusivamente a publicação da MEGA, e conta com participação de pesquisadores e intelectuais de vários países, tais como Alemanha, França, Itália, Grã-Bretanha, Holanda, Dinamarca, Rússia, Japão, Estados Unidos, dentre outros.

Essa nova versão introduziu importantes alterações editoriais e imprimiu forte viés filológico ao trabalho editorial, o que é louvável por impor rigor na recuperação, seleção e explicitação dos critérios para a publicação dos textos. Gerald Hubmann, diretor-executivo da MEGA, procura isolar a filologia da política desde o título de artigo em que apresenta as opções da nova MEGA. No entanto, abordando o mesmo artigo que citamos acima, Maurício Vieira

³² Jürgen Rojahn, "Publishing Marx and Engels after 1989", cit., p. 5.

Martins observa com argúcia que, se as marcas stalinistas da conjuntura anterior deveriam legitimamente ser superadas, a nova conjuntura dos anos 1990 e 2000 se infiltra nos comentários de Hubmann, embora para este o controle acadêmico poderia assegurar a “neutralidade estrita quanto à visão de mundo implícita nos comentários”³³.

Martins se interroga: “Mas será que esta invocação a uma suposta neutralidade é de fato possível?”³⁴. Ao analisar algumas intervenções de Hubmann, identifica a intromissão da conjuntura da década de 1990, que hipertrofia a importância da filologia e sua suposta capacidade de “neutralizar” os comentários à obra de Marx e Engels. Os elementos de conjuntura, expulsos pela porta, retornam pela janela, deixando entrever a adesão a pressupostos análogos ao da virada linguística (*linguistic turn*), não problematizados. Não por acaso, a virada linguística seria uma das marcas fortes do pós-modernismo. Martins conclui:

Entre a politização excessiva da primeira edição [da] MEGA, de um lado, e a crença ingênua de que um procedimento filológico forneça o aval último de uma cientificidade, de outro, há de existir uma alternativa para os comentários à obra que saiba que estamos, desde sempre, mergulhados numa visão de mundo que nos acompanha mesmo em nossa atividade científica. Resta dizer que Hubmann registrou com muito acerto que as tentativas anteriores de edição da obra de Marx e Engels foram fortemente marcadas por um momento histórico determinado. Só faltou acrescentar que a própria edição que ele coordena é também marcada por uma certa configuração histórica que incentiva comentários interpretativos que, por tudo que foi exposto, cauterizam os aspectos mais incômodos e revolucionários do pensamento de Marx.³⁵

Após esse breve excursão na difícil e polêmica publicação da obra de Marx e Engels, atravessada pelas conjunturas, voltemos à colaboração entre eles e aos apaixonados debates sobre o papel de Engels na publicação das obras de Marx.

Engels editor de Marx: separar Marx de Engels?

As teses sobre Feuerbach

Em 1987, Georges Labica publicou um livro intitulado *As “Teses sobre Feuerbach” de Karl Marx*³⁶. Nele, coteja detalhadamente a primeira edição desse texto, realizada por Engels nas páginas finais de seu livro *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*³⁷, publicado em fevereiro de 1888, com a redação do texto original, publicado no tomo 3 da MEW e analisa cada uma das múltiplas alterações realizadas por Engels. Labica procurou estabelecer e investigar criteriosamente cada uma das interferências engelsianas. Conclui que parte das modificações era meramente formal e destinava-se apenas a corrigir ou tornar compreensíveis certas passagens. Em poucas, porém expressivas passagens, as alterações são significativas. Cuidadosamente, menciona que podem remeter às quatro décadas transcorridas entre o momento da redação das Teses (maio ou junho de 1845) e o momento de sua publicação por Engels, influenciado pela conjuntura política do momento da publicação.

Dentre as alterações mais importantes, Labica considera que algumas envolvem interpretações engelsianas que, por mais compreensíveis ou legítimas, alteraram o texto original. Em outras passagens, essas modificações “aparecem como retificações”:

cada caso deve ser e será examinado separadamente, assim como as hipóteses que ele permite enunciar, a mais geral e menos discutível sendo a de que Engels, por sua estreita associação com o trabalho de Marx, se sentia seguramente autorizado a retomar um texto não previsto para a publicação e que, entretanto, ele tornava público mais de quarenta anos após sua redação. Qualquer que seja o caso, a diferença existe. Não se pode ignorá-la [...] também não se poderia, à maneira de M. Rubel, exagerar esta diferença, encontrando na Tese 10 a confirmação de sua própria interpretação, que considera Engels o “fundador” do marxismo – rompendo, portanto, com o próprio Marx.³⁸

³³ Gerald Hubmann, “Da política à filologia”, cit., p. 42.

³⁴ Maurício Vieira Martins, “Sobre a nova edição da obra de Marx e Engels: só a filologia salva?”, *Marx e o Marxismo*, v. 1, n. 1, 2013, p. 137. Disponível em: <<http://www.niepmarx.blog.br/revistadoniep/index.php/MM/article/view/1>>. Acesso em: 16 nov. 2020.

³⁵ Ibidem, p. 142.

³⁶ Georges Labica, *As “Teses sobre Feuerbach” de Karl Marx* (trad. Arnaldo Marques, Rio de Janeiro, Zahar, 1990).

³⁷ Karl Marx e Friedrich Engels, *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã e outros textos filosóficos* (trad. Isabel Vale et al., 3. ed., Lisboa, Estampa, 1975).

³⁸ Georges Labica, *As “Teses sobre Feuerbach” de Karl Marx*, cit., p. 18-9.

A rigor, Labica sugere que “convém falar de *dois textos*, já que o texto de Engels não reproduz o de Marx. Constata-se, com efeito, que não existe *nenhuma* das 11 Teses em que Engels não tenha feito alguma modificação”³⁹.

Georges Labica se dedicará a analisar as teses *marxianas*, sempre assinando e comentando as diferenças introduzidas por Engels, como a supressão do termo *autotransformação* na Tese 3. Não é objetivo de seu trabalho contrapor Engels a Marx, mas extrair o máximo de possibilidades dessas teses, averiguando o momento histórico preciso de sua redação, assim como aquele da publicação por Engels. Dedicar-se a analisar as implicações filosóficas e da ordem da práxis derivadas das Teses. Trabalho similar foi realizado por Sílvio César Moral Marques⁴⁰, que comparou detalhadamente os termos das duas versões, mas com o objetivo de analisar suas traduções e implicações.

O capital

Desde a morte de Marx, muitas foram as polêmicas sobre o papel de Engels na edição para a publicação dos Livros II e III de *O capital*, mas também sobre seu próprio estatuto no conjunto do marxismo. Havia até mesmo a suspeita de que tais textos não existissem e que razões políticas tivessem exercido pressão para que os volumes faltantes viessem à luz. Engels lidou onze anos com um enorme quebra-cabeças para organizar as 847 folhas de caderno que deveriam constituir os volumes faltantes. Werner Sombart, a quem Engels recorreu para debater passagens a elucidar, criticou o que considerou a excessiva fidelidade de Engels à letra de Marx nessa edição⁴¹.

Em 1917, Rosa Luxemburgo, quando se encontrava na prisão, comentou os volumes editados por Engels a convite de Franz Mehring:

nos dois últimos volumes d'*O capital* não devemos buscar uma solução acabada e definitiva para todos os problemas mais importantes da economia política, mas, em parte, apenas a proposição de tais problemas e indicações da direção em que se deveria procurar a solução. A principal obra de Marx, assim como toda sua visão de mundo, não é nenhuma Bíblia com verdades de última instância, acabadas e válidas para sempre, mas um manancial

³⁹ Ibidem, p. 18. Grifos do original.

⁴⁰ Sílvio César Moral Marques, “Questões filosóficas decorrentes das traduções das Teses sobre Feuerbach”, *Crítica Marxista*, n. 35, 2012, p. 131-51. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo284merged_document_269.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

⁴¹ Gerald Hubmann, “Da política à filologia”, cit., p. 34-5.

inesgotável de sugestões para levar adiante o trabalho intelectual, continuar pesquisando e lutando pela verdade. As mesmas circunstâncias explicam também por que, no que se refere à forma literária, o segundo e o terceiro volumes não são tão perfeitos, não têm um espírito tão brilhante, tão cintilante como o primeiro.⁴²

Na década de 1990, quando se retomou a MEGA, o debate sobre como se deveria interpretar o papel de Engels e o de Marx, e como publicá-los, foi intenso. Thomas Marxhausen comenta que controvérsias anteriores retornaram ao cerne das opções editoriais através do “problema Marx-Engels”:

Engels teria sido o “gêmeo científico, de pensamento congruente” ao de Marx? Ou um pensador autônomo, cujas posições de modo algum coincidiam completamente com as de Marx, ou até eram em parte antagônicas às dele? A discussão se prendeu e se prende à compreensão que Engels tinha da dialética, à transmissão das ideias e teorias de Marx a partir do *Anti-Dühring* – mas justamente não só das dele, e sim de muitas que foram elaboradas em conjunto com Marx (aspecto que essa discussão perde de vista!) –, à sua atividade editorial nos Livros II e III de *O capital* etc. Em suma: existe um “engelsismo” que se distingue do “marxismo”? Em caso afirmativo, o que legitima a edição conjunta?⁴³

Tais questões levaram alguns integrantes da equipe editorial a pretender alterar o conjunto da publicação, separando as obras de Marx das de Engels, o que não só colocava problemas práticos de edição, como implicava aumento de custos (pela duplicação de textos). Mais grave, essa opção simplesmente ignorava que as quatro décadas de correspondência entre Marx e Engels não apresentavam divergências sérias de opinião. Finalmente, decidiu-se manter a edição conjunta, uma vez que era impossível negar a estreita colaboração dos dois autores. E Marxhausen conclui: “*No fundo, o conflito gira em torno do que é ‘marxismo’*”⁴⁴.

À medida que a publicação dos manuscritos preparatórios para *O capital* entrava na MEGA2, multiplicavam-se as análises e... os debates. A condição dos manuscritos demonstrava a incompletude desses volumes, levando alguns a considerar que “*O capital* ‘por Marx’, tal como foi lido historicamente,

⁴² Rosa Luxemburgo, “O segundo e o terceiro volumes d'*O capital*”, cit., p. 136.

⁴³ Thomas Marxhausen, “História crítica das obras completas de Marx e Engels (MEGA)”, *Crítica Marxista*, n. 39, 2014, p. 103. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/critica-marxista/arquivos_biblioteca/artigo2015_11_09_16_31_1133.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

⁴⁴ Ibidem, p. 104. Grifos meus.

não existiria. Existem, por um lado, os manuscritos por Marx, que são esboços, e, de outro, as edições por Engels, que finalizou textos que não estavam prontos⁴⁵. Ao lado do reconhecimento do papel de Engels na elaboração dos Livros II e III, reabria-se a interrogação sobre a legitimidade das suas intervenções em *O capital*, sobre as diferenças entre os dois autores e, mais uma vez, sobre o que constituiria exatamente o que se entende por marxismo.

Jorge Grespan, sem “condenar o trabalho de Engels, excepcional para as condições da época”, sublinha a importância de abrir opções de leitura diretamente dos manuscritos de Marx. Engels, ao escolher as passagens manuscritas que figurariam na edição dos livros faltantes de *O capital*, “misturou escritos de épocas diferentes”, além de não incorporar grande quantidade de material. “E o fato de Marx insistir em reescrever sempre sobre os mesmos temas, em especial sobre os circuitos de circulação do capital singular do começo do Livro II, mostra insatisfação com o já realizado ou talvez novas exigências teóricas ainda não contempladas⁴⁶.”

Para Michael Heinrich, o cuidado de Engels ao tentar unir dois objetivos na publicação dos Livros II e III de *O capital* – a fidelidade a Marx e à incompletude do manuscrito, e a apresentação de um texto acessível aos leitores, dada a sua relevância política – é compreensível, porém “esses dois objetivos são mutuamente excludentes⁴⁷”. Embora reconheça a importância do “feito incrível” de Engels nessa publicação, ele mostra que suas interferências foram muito maiores do que indicou. Envolveram desde o projeto dos títulos e dos tópicos até a própria estrutura do manuscrito, com transposições, omissões, trocas de texto, inserções, ampliações etc. Engels teria dado, assim, um aspecto

⁴⁵ Roberto Fineschi, “Karl Marx após a edição histórico-crítica (MEGA2): um novo objeto de investigação”, em Marcos Del Roio (org.), *Marx e a dialética da sociedade civil* (Marília/São Paulo, Oficina Universitária/Cultura Acadêmica, 2014), p. 39. Citado em Hajime Takeuchi Nozaki, “O papel de Engels na editoração de *O capital* e sua influência na interpretação marxista sobre a crise”, *Germinál: Marxismo e Educação em Debate*, v. 12, n. 3, 2020, p. 7-8. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminál/article/view/42066/23906>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

⁴⁶ Jorge Grespan, “O capital e seus escritos preparatórios: sobre o lançamento do volume 4.3 da MEGA”, *Crítica Marxista*, n. 37, 2013, p. 158-9. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/comentario2015_06_07_09_16_3185.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

⁴⁷ Michael Heinrich, “A edição de Engels do Livro 3 de *O capital* e o manuscrito original de Marx”, *Crítica Marxista*, n. 43, 2016, p. 33. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo2017_06_03_06_34_44.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

de acabamento a uma teoria que ainda estava incompleta. A edição de Engels gerou entraves à compreensão de temas cruciais, como a teoria das crises, a teoria do crédito e, sobretudo, introduziu um viés historicizante na leitura de conjunto do capital. Heinrich conclui que “a edição de Engels já não pode ser considerada como o Livro III de *O capital* de Marx; não é o texto de Marx ‘na completa genuinidade de sua própria exposição’, tal como Engels escreveu no Adendo, mas uma forte edição dessa exposição, uma espécie de manual com uma interpretação prévia do manuscrito de Marx⁴⁸.”

Heinrich vai ainda mais longe do que a admissão da incompletude de *O capital*, e sugere que além de não haver Livro III de *O capital*, que se reduz a um manuscrito incompleto, a própria teoria que o sustenta estaria ainda incompleta:

as lacunas [do Livro III] não são apenas de natureza quantitativa. O problema não é apenas que Marx não teve tempo suficiente para realizar de modo pleno um quadro já completamente esboçado. Em muitas passagens, sequer fica claro, a partir do que havia sido feito, o que os esboços deviam ser. Marx estava longe de resolver todos os problemas conceituais de sua empreitada.⁴⁹

São questões densas e tocam no cerne de muitas das questões estratégicas abordadas por Marx e utilizadas por muitos marxistas – das mais variadas extrações – desde o século XIX até hoje. Essas questões reafirmam a necessária incompletude dos marxismos, e não apenas no sentido da elaboração por seus fundadores, mas porque a historicidade que a teoria desvela exige que, ela própria, seja permanentemente inquirida. A edição de *O capital* por Engels – e todos o admitem – permitiu que a teoria elaborada por ambos, mas redigida inicialmente por Marx, alcançasse dimensões muito mais extensas. Por outro lado, significou que o papel de Engels no marxismo foi bem além de um segundo violino, estando diretamente implicado na obra máxima de Marx tal como ela foi conhecida e divulgada.

Engels e/ou Marx?

Vimos que não foi possível separar os dois autores na MEGA2, mas seria possível isolá-los analiticamente, como dois autores independentes e com características até mesmo opostas? Não há concordância no que constituiriam os

⁴⁸ Ibidem, p. 41.

⁴⁹ Idem.

atributos e as especificidades de cada um. Para Heinrich, como vimos acima, Engels é a origem de certo historicismo na leitura de *O capital* e, na mesma direção, César Mortari Barreira mostrou que a interpretação de Hans-Georg Backhaus contrapõe o “lógico” (Marx) e o ‘histórico’ (Engels)”⁵⁰. Para outros autores, a caracterização seria oposta: Engels figuraria como a origem de um marxismo ortodoxo, economicista, e teria aberto a porteira para os revisionismos.

Marcos Del Roio critica o papel de Engels, sobretudo em suas publicações após a morte de Marx, quando não apenas “criou” o marxismo, mas também se converteu no seu principal porta-voz:

Engels se mostra como uma variante no pensamento revolucionário, distinto e uno com Marx. Certo viés cientificista e naturalista [...] a dialética é reduzida a um fenômeno da natureza, com leis próprias de movimento imanente e não um método de apreensão da realidade em movimento. [...] O naturalismo histórico de Engels subverte a dialética e amesquinha a vontade coletiva.⁵¹

Del Roio lembra que os textos publicados após a morte de Marx foram redigidos em meio à intensa militância de Engels e à ascensão da social-democracia na Alemanha, que, como se sabe, deu ensejo a inúmeras disputas e embates no interior do SPD. Ao comentar *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, cuja primeira publicação data de 1884, Del Roio constata não sem espanto “a ênfase quase absoluta nas relações econômicas e a ausência de qualquer referência às representações culturais”. E acrescenta: “Engels montava a estrutura do *marxismo* fortemente ancorado na visão naturalista evolucionista predominante na alta cultura burguesa do fim de século XIX”⁵².

Para Del Roio, a partir das posições de Engels é possível compreender as dificuldades posteriores do marxismo:

as duas vertentes do reformismo no movimento operário alemão – a ortodoxia e o revisionismo – tiveram como seus principais ideólogos exatamente os dois mais capazes teóricos do grupo político de Engels, Kautsky por um lado, e Bernstein, por outro. Não parece ter sido mero acaso que cada um tenha

⁵⁰ César Mortari Barreira, “Engels contra Marx? Do lógico/histórico aos níveis de abstração”, *Verinotio*, ano XV, v. 26, n. 2, 2020, p. 110-1. Disponível em: <<http://www.verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/issue/view/32/Revista%20completa%20PDF>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

⁵¹ Marcos Del Roio, “Engels e a origem do marxismo”, em *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História (Anpuh)*, São Paulo, 2011, p. 5-7. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300640462_ARQUIVO_ENGELS.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

⁵² *Ibidem*, p. 10.

acentuado aquilo que em Engels já se encontrava cindido: a objetividade e a subjetividade revolucionária.⁵³

Em direção oposta, é possível localizar autores que adotaram a perspectiva de Engels, defendendo sua concepção histórica. Como lembra John Bellamy Foster, E. P. Thompson “construiu a defesa de uma espécie de empirismo dialético – o que ele mais admirava em Engels – como essencial para uma análise histórico-materialista”⁵⁴.

Em finais do século XX e início do XXI, temas candentes da conjuntura contemporânea se voltam para o marxismo de Marx e Engels e encontram nele sólido ponto de partida para enfrentá-los, teórica e praticamente. Dedicado ao estudo dos temas ambientais, Foster destaca o reconhecimento da importância de Engels em áreas científicas como a paleontologia, a biologia e a epidemiologia, bem como sua contribuição para o nascimento da ecologia. Para Foster, a rejeição à dialética da natureza de Engels teria operado uma “correção bem-vinda ao positivismo cru que havia contaminado boa parte do marxismo e que fora racionalizado pela ideologia soviética oficial”⁵⁵. Entretanto, a curvatura da vara corria o risco de “pressionar o marxismo para uma direção mais idealista, conduzindo ao abandono da longa tradição de compreender o materialismo histórico relacionado não somente com as humanidades e a ciência social – e, claro, a política –, mas também com a ciência natural materialista”⁵⁶.

A guisa de conclusão

Talvez se consiga algum dia separar perfeitamente o que saiu da pena de Marx do que proveio da caneta de Engels em *O capital*. O volume de inquietações sugere que tal empreitada será mais ou menos rapidamente realizada e muitas análises serão publicadas. Mesmo assim, não conseguiremos separar uma amizade e uma intimidade intelectual construídas ao longo de quarenta anos,

⁵³ *Ibidem*, p. 26.

⁵⁴ John Bellamy Foster, “O retorno de Engels”, *Crítica Marxista*, n. 46, 2018, p. 13, 2018. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo2018_11_04_15_03_58.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 10.

⁵⁶ *Idem*.

como não conseguiremos ter acesso às inúmeras conversas que os dois autores revolucionários entabularam e ao que elaboraram em comum ou definiram como tarefas para um e para outro.

Como lembra Michael Krätke, quando de sua participação no debate sobre a publicação de *O capital* (e que estendemos aqui ao conjunto da obra dos dois autores, Engels e Marx):

Ao realizar modificações [nos Livros II e III de *O capital*], teria Engels distorcido severamente o sentido pretendido do texto? Teria ele realmente *negligenciado ou ignorado as intenções de Marx, ali onde foram inequivocamente expressas*? Esta é a tônica das mais severas objeções contra o trabalho editorial de Engels, levantadas pouco depois da publicação dos manuscritos marxianos originais para o livro terceiro, em 1992. Essa variante mais recente da crítica a Engels se baseia em dois pressupostos implícitos: a) Marx estava completamente certo e decidido no que se refere à sua agenda e b) os críticos de Engels compreendem Marx melhor do que ele jamais o fez. Isso pode suscitar dúvidas. Ao contrário de seus críticos, Engels conhecia tudo o que nós só descobrimos lentamente agora. Ele podia recorrer totalmente aos manuscritos deixados por Marx e a seus excertos e notas. Tinha à disposição e utilizava incontáveis explicações de Marx na correspondência. *Principalmente, conheceu pessoalmente o autor em longos anos de colaboração.*⁵⁷

A criação originária do marxismo liga-se a um tempo, a uma dinâmica histórica, a intensas lutas e a uma amizade extraordinária entre dois grandes intelectuais e militantes revolucionários. O marxismo de Marx e Engels é o ponto de partida. Os marxismos não se limitam a seus autores originais, mas precisam e dependem deles como balizadores fundamentais de exigências complexas, elaboradas na rigorosa contramão das tendências e modas incessantemente requeitadas pelo capital e pelo capitalismo. Estamos diante de duas cabeças pensantes, dois revolucionários ativos. São dois autores, dois intelectuais de grande estatura. Há diferenças entre eles. Essas diferenças integram sua obra conjunta e devem tensionar plenamente o marxismo – e os marxismos – não como a busca do texto perfeito, mas como momentos essenciais do processo criativo que precisamos compartilhar, como pistas a desenvolver.

O marxismo originário de Marx e Engels, assim como os demais marxismos, viveram inúmeras recriações. Estão tanto mais vivos quanto os debates sobre suas recriações são rigorosos, intensos, e impedem que visões unilaterais

⁵⁷ Michael Krätke, “O problema Marx-Engels: por que Engels não falseou *O capital* marxiano”, *Verinotio*, ano X, n. 20, 2015, p. 199. Disponível em: <<http://www.verinotio.org/conteudo/0.2380829595384.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2020. Grifos meus.

se imponham como uma espécie de “interpretação final”. E tanto mais vivos quanto as questões de conjuntura tensionam seus fundamentos aos seus limites máximos, para apreender as contradições imanentes que emergem, se modificam, se aguçam ao longo do processo histórico e, sobretudo, para lembrar – e exigir – que é na transformação das relações sociais reais que reside o crivo central de uma ciência efetivamente histórica.

Este artigo se debruçou sobre polêmicas que não se propôs a resolver. Apresentei alguns dos embates no interior dos marxismos sobre o papel de Engels, tanto na obra conjunta com Marx quanto nas concepções de cada um. Utilizamos aqui apenas alguns dos autores que foram publicados no Brasil, e nem sequer incorporamos todos os que se dedicaram a algumas dessas polêmicas em nosso país. Foi um recorte limitado, uma vez que os maiores embates se encontram na confrontação com outras áreas teóricas e com suas expressões políticas. Este artigo também não teve a pretensão de apresentar as principais escolas e pensadores marxistas.

A intenção fundamental aqui foi permitir uma primeira mirada sobre o teor e a intensidade das controvérsias internas acerca da “criação do marxismo” e suas contínuas e tensas recriações. Não obstante suas limitações, essa mirada parece-me suficiente para conferir que se trata de um ambiente teórico (e prático) extremamente diversificado, com embates muito vigorosos. Uma grande variedade se perfila ao longo das polêmicas apresentadas, que não se baseiam em contraposições aligeiradas, muito menos em especulações vazias. Utilizar o máximo rigor, por intelectuais tarimbados e comprometidos, para avançar o conhecimento sobre o próprio marxismo originário aguça o fio de corte para sua atividade central, explicar e revolucionar a complexa realidade social, em seus elos sociometabólicos com a natureza, que continua a nos desafiar.

Referências bibliográficas

- BARREIRA, César Mortari. Engels contra Marx? Do lógico/histórico aos níveis de abstração. *Verinotio: Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, ano XV, v. 26, n. 2, 2020, p. 110-33. Disponível em: <<http://www.verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/issue/view/32/Revista%20completa%20PDF>>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- BENSUSSAN, Gerard; LABICA, Georges. *Dictionnaire critique du marxisme*. Paris, PUF, 1999.

- CERQUEIRA, Hugo Eduardo da Gama. David Riazanov e a edição das obras de Marx e Engels. *Revista Economia*, v. 11, n. 1, 2010. p. 199-215. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/revista/vol11/vol11n1p199_215.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.
- DELBRACCIO, Mireille; LABICA, Georges (orgs.). *Friedrich Engels, savant et révolutionnaire*. Paris, PUF, 1997.
- DEL ROIO, Marcos. Engels e a origem do marxismo. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História (Anpub)*. São Paulo, julho 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300640462_ARQUIVO_ENGELS.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- ENGELS, Friedrich. Outlines of a Critique of Political Economy. *Marxists*. Trad. Martin Milligan. 1996. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/marx/works/1844/df-jahrbucher/outlines.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- FINESCHI, Roberto. Karl Marx após a edição histórico-crítica (MEGA2): um novo objeto de investigação In: DEL ROIO, Marcos (org.). *Marx e a dialética da sociedade civil*. Marília/São Paulo, Oficina Universitária/Cultura Acadêmica, 2014.
- FONTANA, Josep. *Historia: análisis del pasado y proyecto social*. Barcelona, Crítica, 1982.
- FOSTER, John Bellamy. O retorno de Engels. *Crítica Marxista*, n. 46, 2018. p. 9-15. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo2018_11_04_15_03_58.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*, v. 1. Trad. Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.
- GRESPLAN, Jorge. “O capital e seus escritos preparatórios”: sobre o lançamento do volume 4.3 da MEGA. *Crítica Marxista*, n. 37, p. 155-61, 2013. Disponível em <https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/comentario2015_06_07_09_16_3185.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- HEINRICH, Michael. A edição de Engels do Livro 3 de *O capital* e o manuscrito original de Marx. *Crítica Marxista*, n. 43, 2016. p. 29-43. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo27129Critica_Marxista_Texto_Completo_34.33-49.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- HUBMANN, Gerald. Da política à filologia: a Marx-Engels-Gesamtausgabe. *Crítica Marxista*, n. 34, 2012. p.33-49. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo271merged_document_255.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.
- KRÄTKE, Michael. O problema Marx-Engels: por que Engels não falseou *O capital* marxiano. *Verinotio: Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, ano X, n. 20, 2015. p. 191-206. Disponível em: <<http://www.verinotio.org/conteudo/0.2380829595384.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2020.
- LABICA, Georges. *As “Teses sobre Feuerbach” de Karl Marx*. Trad. Arnaldo Marques, Rio de Janeiro, Zahar, 1990.
- LÊNIN, Vladimir I. *Obras escolhidas*. Lisboa/Moscú, Avante/Progresso, 1978.
- LUKÁCS, György. *Para uma ontologia do ser social*. Trad. Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélio Schneider, São Paulo, Boitempo, 2012-2013, 2 v.
- LUXEMBURGO, Rosa. *A acumulação do capital*. Trad. Marijane Vieira Lisboa e Otto Erich Walter Maas, São Paulo, Nova Cultural, 1985.
- _____. O segundo e o terceiro volumes d’*O capital*. *Crítica Marxista*, n. 29, 2009. p. 135-43. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo2015_06_04_10_09_5792.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- MARQUES, Sílvio César Moral. Questões filosóficas decorrentes das traduções das Teses sobre Feuerbach. *Crítica Marxista*, n. 35, 2012. p. 131-51. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo284merged_document_269.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- MARTINS, Maurício Vieira. Sobre a nova edição da obra de Marx e Engels: só a filologia salva? *Marx e o Marxismo*, v. 1, n. 1, 2013. p. 135-43. Disponível em: <<http://www.niepmarx.blog.br/revistadoniep/index.php/MM/article/view/1>>. Acesso em: 16 nov. 2020.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Oeuvres choisies*. Moscou, Progrès, 1970.
- MARXHAUSEN, Thomas. História crítica das obras completas de Marx e Engels (MEGA). *Crítica Marxista*, n. 39, 204. p. 95-124. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo2015_11_09_16_31_1133.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- NOZAKI, Hajime Takeuchi. O papel de Engels na editoração de *O capital* e sua influência na interpretação marxista sobre a crise. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, v. 12, n. 3, 2020. p. 203-16. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/42066/23906>>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- RIAZANOV, David. *Marx et Engels*. Paris, Les Bons Caractères, 2004.
- ROJAHN, Jürgen. Publishing Marx and Engels after 1989: The Fate of the MEGA. *IISHS*. Disponível em: <https://iishg.amsterdam/files/2018-07/iish-research-project_mega-e98.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.
- RUBEL, Maximilien. *Marx, critique du marxisme*. 2. ed. Paris, Payot, 2000.